

Representações de mulheres negras na ficção brasileira contemporânea –

Oyá, Nanã e Oxum presentes

Cruzando leituras de Jorge Amado, Marcelino Freire e Rodrigo Santos

Pedro Dorneles da Silva Filho¹

A partir de uma perspectiva decolonial, em que signos culturais afrodiaspóricos são considerados aportes basilares para a efetivação da resistência de subjetividades negras no Brasil, que proponho ensaiar leituras cruzadas entre três personagens da ficção brasileira contemporânea. O presente trabalho tem por intuito, em alguma medida, pensar como essas representações acionam ou inscrevem elementos arquetípicos de divindades africanas: Iansã, Nanã e Oxum. A primeira, Santa Bárbara/Oyá, em *O sumiço da santa* (1988), de Jorge Amado; a segunda, Dona Preta, do conto “Favela Fênix”, presente no livro *Amar é crime* (2015), de Marcelino Freire e A senhora sozinha, do conto “Aluga-se uma casa pequena para uma senhora sozinha”, do livro *Carcará* (2021), de Rodrigo Santos. O elemento comum aos textos escolhidos é a dualidade entre opressão e liberdade, sendo aquela estruturada pelas forças hegemônicas e suas obscuridades e esta advinda da luta das resistências e suas iluminações.

Como arcabouço teórico no desenvolvimento dessa análise, afianço-me a reflexões sobre identidade, marginalização, cultura, memória e decolonialidade. Tomando como ponto de partida o proposto por Homi Bhabha em *O local da cultura*, por George Didi-Huberman em *A sobrevivência dos vagalumes*, Walter Mignolo em *Histórias locais/projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar* e Giorgio Agamben em *O que é o contemporâneo?*, procuro articular a representação das personagens femininas das narrativas ficcionais supracitadas aos projetos políticos, estéticos e éticos que têm sido pensados para se refazer a história ocidental.

¹ Doutorando (Literatura comparada) e Mestre (Literatura brasileira e teoria literária) pelo Programa de Pós-graduação em Estudos de Literatura da Universidade Federal Fluminense (UFF) e especialista em Literatura, memória cultural e sociedade pelo Instituto Federal Fluminense (IFF). Professor da Educação básica de Língua portuguesa na rede municipal de Rio das Ostras-RJ e na rede privada do município de Macaé-RJ. Contato: dorneles.pedro@hotmail.com

Nesse sentido, a análise literária estará substancialmente atravessada por uma mirada epistemológica que reconhece como potência as cifras identitárias e signos advindos de povos e culturas até então subalternizados. Assim, elementos provenientes da cosmogonia/teogonia afrodiaspórica imbricam-se ao social, afetivo e psicológico, denotando a força política dos corpos individuais dentro das narrativas como formas de instaurar um devir possível de brilho e beleza, a quem por muitos séculos esteve relegado às obscuridades. Oyá, Nanã e Oxum presentes.

Partindo da premissa cunhada por Homi Bhabha em *O local da cultura* (1998), de que toda nação é uma narração, de uma construção discursiva, o movimento de leitura aqui assumido é pensar como essas personagens, ora mencionadas, carregam em seus próprios corpos a força contra-hegemônica para narrar o Brasil; uma nação herdeira das piores toxinas da colonialidade: patriarcalismo, racismo e pensamento eurocêntrico.

Nesse sentido, em que medida a presença dessas mulheres negras consistem em resposta da resistência, diante das inegáveis violências sobre as quais está assentada a nossa História? O que pretende nos dizer a literatura, ao trazer essas figurações para o centro das narrativas?

Inegavelmente, há uma tendência cada vez mais explícita da ficção brasileira contemporânea de ancorar-se na realidade, para justamente denunciá-la. Nesse sentido, o estatuto literário é atravessado por pautas sociais, políticas e históricas que permanecem em nossa agenda geopolítica, revelando-se como uma estética imbuída de um compromisso ético.

Publicado em 1988 e ambientado nos fins dos anos de 1960, o romance *O sumiço da santa* tem como eixo central o desaparecimento da imagem de “Santa Bárbara, a do trovão”, trazida de Santo Amaro da Purificação-BA para ser exposta em museu de arte sacra. Todavia, nesse interim do cuidadoso percurso, a santa some, metamorfoseando-se em uma pessoa do povo, passando por todos, cumprimentando-os e partindo para cumprir sua missão na cidade.

[...] Quando o saveiro chegou à Rampa do Mercado, o diretor começava a discorrer sobre a secular imagem de santa Bárbara, a do Trovão — por que do Trovão, por que o alforje repleto de raios onde deviam figurar a torre de um castelo e uma palma? —, obra capital da imaginária que dentro de alguns minutos ali estaria iluminando a sala, deslumbrando os senhores jornalistas, meus caros amigos! Sobre raios e trovões, datas e locais, santeiros e escultores, divergiam museólogos, historiadores, críticos de arte, uns pró, outros contra, todos competentíssimos e o diretor ainda mais, a impecável

batina branca, o ar seráfico fazendo-se em alguns momentos pícaro e malicioso. Antes que mestre Manuel e Maria Clara, terminada a amarração do saveiro, fossem cuidar do transporte da imagem, a santa saiu do andor, deu um passo adiante, ajeitou as pregas do manto e se mandou. Num meneio de ancas, santa Bárbara, a do Trovão, passou entre mestre Manuel e Maria Clara e para eles sorriu, sorriso afetuoso e cúmplice. A ebomin colocou as mãos abertas diante do peito no gesto ritual e disse: Eparrei Oyá! Ao cruzar com o padre e a freira, fez um aceno gentil para a freira, piscou o olho para o padre. Lá se foi santa Bárbara, a do Trovão, subindo a Rampa do Mercado, andando para os lados do Elevador Lacerda. Levava certa pressa, pois a noite se aproximava e já era passada a hora do padê. Também o negro bem-posto se inclinou ao vê-la, tocou o chão com os dedos, depois os levou à testa e repetiu: Eparrei! O negro era Camafeu de Oxóssi, obá de Xangô, barraqueiro do mercado, solista de berimbau, outrora presidente do Afoxé Filhos de Gandhi, e nem ele próprio sabia se ali se encontrava por acaso ou por obra e graça dos encantados. Antes que as luzes se acendessem nos postes, Yansã sumiu no meio do povo. (AMADO, 1988, p.17)

A partir desse fato, inicia-se a saga das buscas pela santa e, paralelamente, acontece a narrativa sobre a menina Manela e sua tia Adalgisa, cuja subjetividade é marcada pelo peso da negação de suas próprias raízes identitárias. Manela ficara órfã por conta de uma fatalidade com seus pais e passa a ser criada por sua tia Adalgisa, uma mulher severa, repositora do dogmatismo cristão-católico da família de seu pai, de quem possui tanto orgulho, na mesma proporção em que possui ojeriza por sua história materna. A mãe de Adalgisa fora iniciada no candomblé, mulher negra, autêntica filha de Iansã. No processo de feitura do orixá, descobre-se grávida. Portanto, Adalgisa já nasce também iniciada em Oyá. Seu destino pertence a ela.

Adalgisa comporta-se repressora, autoritária, senhora da regulação dos códigos de conduta, Adalgisa maltrata duramente a sobrinha que começa a envolver-se com sua história ancestral. Santa Bárbara/Oyá/Iansã, a imagem rara que desembarca na Bahia, em forma de encantamento, sai andando para cumprir sua missão na cidade: libertar Manela das marcas da opressão da tia e desrecalcar o negacionismo de Adalgisa, mostrando-lhe o bom da vida e ensinando-lhe seu princípio vital: a liberdade.

Segundo Antonio Carlos Monteiro Teixeira Sobrinho, em sua tese de doutoramento *Das possibilidades heterotópicas para uma experiência de liberdade – um estudo do universo ficcional amadiano* (2017), o romance *O sumiço da santa* apresenta centralmente o arco existencial da personagem Adalgisa, pois todos os acontecimentos que orbitam a narrativa parecem apontar para o movimento de inscrição da liberdade no lugar do autoritarismo. Adalgisa, filha da mescla inter-racial entre europeu e africana, vive uma vida de asfixia de sua herança negra, seguindo os preceitos, dogmas e valores eurocentrados. No romance, Iansã é a própria força de

superação dos preconceitos e das marcas coloniais. Iansã é a libertação de Adalgisa; este corpo-nação ferido pelas sequelas da colonialidade.

Aníbal Quijano, sociólogo e pensador humanista peruano, formula importante categoria epistêmica para os estudos sobre cultura: a colonialidade do poder. Nessa categoria, o autor desenvolve uma leitura mais capilar acerca do episódio histórico da colonização, diferenciando o colonialismo da colonialidade. Quijano (2005) elabora o conceito de colonialidade do pensamento e do saber, em que o processo de apropriação operado pelo sistema colonial não consistiria tão somente em seu aspecto econômico, mas sobretudo na regulação das subjetividades, das cosmovisões já existentes, nas formas de ser e estar no mundo.

Nesse sentido, Oyá representa no romance a potência vital capaz de ressignificar esse panorama trágico. Oyá, portanto, é a centelha da liberdade que inflama e ilumina novas rotas existenciais, escapando da rota pré-definida pelos vincos impositivos da colonialidade.

Processo semelhante ocorre com a resistência de dona preta no conto “Favela Fênix”, de Marcelino Freire. Um conto curto, preciso e marcado pela urgência de nos apresentar o encadeamento dos atos de destruição endereçados à dona preta.

Aí o fogo apagou o barracão de dona preta mas não apagou dona preta essa ninguém apaga ela foi lá e levantou outro barracão do nada. Aí a água levou o barracão de dona preta mas não levou dona preta essa ninguém arrasta onde houver chão é lá onde ela agarra as patas. (...) Aí o dono da boca mandou fuzilar o barracão de dona preta mas para ela nem bala perdida quando menos se espera dona preta ressuscita preta feita a luz do dia. Aí a vizinha pôs um despacho na porta de dona preta mas essa ninguém despacha acende uma vela tem muita fé na tábua ela uma mulher de raça. Foi aí que a vela derreteu o barracão de dona preta mas essa não há quem derreta vejam ela ali acesa dentro da fumaça divina diz dona preta eu é que não vou morrer cinza. (FREIRE, 2015, p.145-146).

A resistência de dona preta reside no fato de fincar pé e se estabelecer, de demarcar seu chão, de conhecer e reconhecer sua própria força. Podemos notar na postura de dona preta alguns traços arquetípicos do orixá Nanã, a mais velha dos orixás, ligada ao poder da criação, senhora da sabedoria. Dona preta, já pela designação, remete a uma figura mais velha/idososa. Os ataques realizados a ela têm como reposta a resiliência de uma senhora que insiste em não sucumbir à opressão.

Nanã faz do barro seu material de criação, cultuada antes mesmo da Era do ferro, por isso em seus cultos não levam insígnias ou instrumentos desse material. Nanã

é força ancestral que nos devolve a vida com sua sabedoria. Tentam queimar dona preta, incendiando seu barracão, transformando tudo em cinza, no entanto, dona preta renasce e cria um caminho paradigmático, nos ensinando a lição da liberdade conquistada por meio da resistência e sabedoria.

No conto “Aluga-se uma pequena casa para uma senhora sozinha”, de Rodrigo Santos, ocorre também a figuração de uma senhora preta, de origem socioeconômica desfavorecida, porém, imbuída de uma força ancestral bastante significativa. Conhecedora de sua potência vital, vai atrás de um anúncio de uma casa para alugar.

A dicção diegética escolhida pelo autor na estruturação do conto convoca-nos a exercitar a capacidade de escuta. Somos seduzidos pelos afluentes da palavra oralizada pela senhora, que vai tecendo seus pensamentos, suas histórias e circunstâncias da vida para a proprietária da casa onde pretende ser inquilina.

No próprio jogo discursivo dialógico, no qual a vida da senhora jorra em verbo e fala, o autor opta por dar relevo ao que é dito pela senhora em detrimento da interação com sua interlocutora. Inferimos as perguntas feitas pela proprietária no jogo interativo discursivo a partir de suas próprias falas.

Bonita eu? Ah, obrigada. Tinha que ver quando eu era mais nova, eheheheh, eu era um pedaço de mau caminho, como diziam antigamente. Vaidosa eu sou até hoje, gosto das minhas pulseiras, dos meus brincos, da minha roupa sempre passadinha (...) Eu desde cedo sempre fui muito vaidosa, eu sabia que era bonita. Mas quantas meninas bonitas como eu precisavam ouvir isso e não ouviram, se achando feias a vida toda? Agora não, elas sabem que são bonitas também, oh coisa boa. (...) O cabelo eu raspei o meu, estou deixando crescer de novo, natural, até sem tinta, porque cada fio de cabelo branco dessa cabeça teve razão de ser, e fica bonito, né? É a minha coroa prateada – apesar de eu gostar muito mais de ouro (...) O que é que a gente tem nessa vida senão o amor? Os filhos se vão, a boniteza some no fundo do espelho. A boniteza sim, a beleza não. Essa a gente leva. A diferença? Boniteza é capa de revista. O problema é que a capa da revista muda, o que era bonito não é mais; a beleza é para sempre. (...) O pior é que prenderam só ele, só o meu Edinho, o único que não era bandido na história. Bateram muito nele, coitado... Bateram muito. Desculpa, é difícil não ficar emocionada quando me lembro disso. (...) Aí eu chego lá no hospital do Colubandê e ele tá algemado na cama, com o rosto todo arreventado. Bateram muito. (...) É um constrangimento, que a senhora nunca tenha que passar por isso. Eu, dessa idade, tenho que tirar a roupa, agachar pra eles verem que não estou escondendo nada nas minhas coisas, um horror. Tem até um espelhinho que a moça coloca pra ver por baixo. Humilhação, a palavra é essa. Mas é meu filho, né? Não é porque ele errou que eu vou abandonar. Amor não é isso. Mas amor também não é Band-aid, às vezes amor tem que ser Merthiolate, tem que arder pra curar (...) A gente não larga filho de mão não. Não existe amor maior que o de mãe. Mas é isso, a senhora me desculpe, eu não tenho muito com quem conversar, aí a senhora deu corda (...) Ah, aliás, tem uma coisa que você não perguntou, mas eu acho importante falar, sabe? Porque a gente tem visto tanta intolerância por aí (...) Eu sou macumbeira, sou do candomblé. Espero que você não desista de alugar a casa pra mim por causa

disso – o que? Já, já passei por isso duas vezes. Tava tudo certo, só assinar os papéis e as pessoas não quiseram alugar quando souberam que eu era da Macumba, por isso falei. Sério? Jura? Que maravilha! Qual terreiro você frequenta? Ah, conheço, conheço. Eu? Eu sou de Oxum. (SANTOS, 2021, p.7-9;11-13)

Nesse fragmento, podemos observar a presença de diferentes elementos constituintes da subjetivação da personagem, que vão dando indícios de que se trata de uma mulher de Oxum, isto é, que traz em seu repertório formativo a presença de traços arquetípicos muito fortemente marcados pela presença desse Orixá. Senhora das águas doces, da fertilidade e da beleza, Oxum é vaidosa, sedutora, diplomática e maternal, não abandona seus filhos e sua beleza reside justamente na capacidade de ser fonte inesgotável que faz brotar água-amor.

O empoderamento feminino negro, a valorização do cabelo crespo como marca identitária, a experiência da maternidade traçada pelas circunstâncias histórico-sociais da desigualdade vigente no país, que leva o filho à prisão, a profunda filosofia que habita na fala distintiva entre o que é boniteza e beleza e a iniciativa de demarcar sua religião de origem afro-brasileira como um fato importante de ser dito, são marcas de transgressão ao sistema opressor da colonialidade do pensamento.

Nesse sentido, Rodrigo Santos rasura as narrativas hegemônicas e cerceadoras da nossa história por meio de seu exercício literário, tanto no plano estético quanto no plano ético. Sua opção por uma narradora autodiegética, preta, periférica, candomblecista, mãe combativa que acredita no amor como forma de reparação dos males do mundo, com sua voz em lugar de destaque na construção discursiva, protagonismo efetivo, tudo isso revela um movimento de desarticulação das forças vigentes de poder. Gesto que Walter Mignolo (2005) chama de *desobediência epistêmica*.

Construir discursos em forma de contra-narrativa, com mudança de perspectiva, alterando o ângulo sobre o qual um fato é descrito, acaba por desatar os nós de nossa história e com esses fios, ainda que marcados pelo tempo, vamos podendo pensar em tecer outra malha ressignificada de história e formação.

O ficcionista usa seu espaço de construção de discursos para fazer esse movimento, mas não só ele como outras vozes produtoras também de discursos devem realizar esse gesto de desconstrução. Mignolo (2008) aponta categoricamente que a transformação social efetiva só será possível quando houver uma virada de chave

epistêmica, deslocando a perspectiva em relação à identidade na política, ou seja, alterando a lente eurocêntrica (patriarcal e racista) para as epistemes produzidas pelos próprios sujeitos/grupos sociais subalternizados.

Assim, é necessário o compromisso de se olhar para o tempo em que vivemos, reconhecendo nossas feridas históricas e suas obscuridades, para que possamos refazer os itinerários de uma sociedade melhor, com uma história mais justa e igualitária. Essa é a urgência do contemporâneo. Afinal, segundo Agamben,

[...] contemporâneo é aquele que mantém fixo o olhar no seu tempo, para nele perceber não as luzes, mas o escuro. Todos os tempos são, para quem deles experimenta contemporaneidade, obscuros. Contemporâneo é, justamente, aquele que sabe ver essa obscuridade, que é capaz de escrever mergulhando a pena nas trevas do presente. (AGAMBEN, 2009, p.62-63).

Nas criações ficcionais aqui analisadas, Jorge Amado, Marcelino Freire e Rodrigo Santos trazem explicitamente as feridas históricas da opressão, das desigualdades, dos sistemas de poder que marcaram nossa história e ainda se presentificam dolorosamente como sequelas da face perversa da colonialidade. Contudo, a figuração das mulheres negras desses enredos conota e simboliza a resistência em forma de pequenas, mas não menos potentes, iluminuras, de modo a vaga-lumes, que luzem no céu ainda escuro das opressões. São as microrrevoluções operadas por esses corpos que sobrevivem para ensinar as rotas de um novo tempo.

Desse modo, o conteúdo afrodiaspórico que se instala no bojo da literatura brasileira contemporânea acaba por registrar a execução de milagres cotidianos e instalar a resistência. Para Caetanear, em síntese: “E o povo negro entendeu que o grande vencedor se ergue além da dor. Tudo chegou sobrevivente num navio. Quem descobriu o Brasil? Foi o negro que viu a crueldade bem de frente e ainda assim produziu milagres de fé no extremo ocidente.”.

REFERÊNCIAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Tradução de Vinícius Nicastro. Chapecó: Argos, 2009.

AMADO, Jorge. **O sumiço da santa: uma história de feitiçaria**. Rio de Janeiro: Record, 1988.

BHABHA, Homi. **O local da Cultura**. (Trad. Myriam Ávila, Eliana Reis e Gláucia Gonçalves). Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998.

FREIRE, Marcelino. **Amar é crime**. Rio de Janeiro: Record, 2015.

MIGNOLO, Walter. **A desobediência epistêmica: a opção decolonial e o significado de identidade em política**. Cadernos de Letras, UFF, n.34, 2008.

QUIJANO, Aníbal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 107-128, cap. 12.

SANTOS, Rodrigo. **Carcará**. Rio de Janeiro: Malê, 2021.

TEIXEIRA SOBRINHO, Antonio Carlos Monteiro. **Das possibilidades heterotópicas para uma experiência de liberdade – Um estudo do universo ficcional amadiano**. 2017. 288f. Orientadora: Ívia Iracema Duarte Alves; coorientador: Eduardo Assis Duarte. Tese (Doutorado em Literatura e Cultura) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, 2017.